

ASPECTOS DA NARRATIVA INDICIÁRIA NO CONTO ÕO HOMEM DAS MULTIDÕESö DE EDGAR ALLAN POE

Ricardo Ramos Costa¹

RESUMO: Este trabalho é um estudo do conto de Edgar Allan Poe ÕO homem das multidõesö (1840). O foco principal desta análise é o modo de narrativa que emerge com as novas possibilidades de percepção influenciadas pelas condições urbanas das grandes cidades, irrompido na modernidade. Este tipo de narrativa ó que difere do modelo tradicional que se desenvolve dentro de uma cadeia de tradição ó é a construção de uma memória discursiva através da coleta e composição de sinais ou indícios visuais que, confrontados com o modelo epistemológico (ou paradigma) analisado por Carlo Ginzburg a partir do trabalho do crítico italiano Giovanni Morelli, convencionou-se chamar Õnarrativa indiciáriaö.

Palavras-chave: narrativa; indiciarismo; Modernidade.

Aspects of the indiciary narrative in the short story ÕThe man of the crowdö by Edgar Allan Poe

ABSTRACT: This work is a study of Edgar Allan Poe's short story ÕThe man of the crowdö (1840). The main focus of this analysis is the narrative way that emerges with the new perception possibilities influenced by the urban conditions of the great cities, broken out in the modernity. This narrative type ó which differs from the traditional model that grows within a tradition chain ó is the construction of a discursive memory through the collection and composition of signs or visual indications that, confronted with the epistemological model (or paradigm) analyzed by Carlo Ginzburg started by the work of the Italian critic Giovanni Morelli, was stipulated as "indiciary narrativeö.

Keywords: narrative; indiciarism; Modernity.

INTRODUÇÃO

[...]
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.
[...]
Comme des longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Charles Baudelaire

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). rramoscosta@ig.com.br

A obra de Edgar Allan Poe vem, durante décadas, atraindo o interesse de pesquisadores de diversas áreas. Mais recentemente este interesse tem produzido abordagens interdisciplinares que, por exemplo, incluem a filosofia e a psicanálise², e consequentemente tem expandido o campo dos estudos literários a outras disciplinas acadêmicas³. Este interesse tem motivado pesquisas e teorias que tomam perspectivas críticas bem distintas umas das outras. Num pequeno panorama, vemos vários nomes importantes. Para Paul Valéry, Poe soube dominar com perfeição o processo de criação literária, desenvolvendo um jogo de regras que subordinava a inspiração ao poder das iniciativas. Walter Benjamin inventaria as consequências da obra de Poe para a poética de Charles Baudelaire. Para ele, "Baudelaire quis igualar o homem da multidão ó atrás de cujas pegadas o narrador de Poe percorre a Londres noturna em todas as direções ó ao tipo do *flâneur*" (BENJAMIN, 2000, p. 52), contudo Benjamin recua nesta perspectiva ao considerar que os hábitos do "homem da multidão" não são os mesmos do *flâneur*.

Poe constitui-se como autor do extremo, do excessivo, do superlativo. Busca em cada elemento os seus limites. Para Jacques Lacan, em *O seminário sobre "A carta roubada"*⁴, os limites suplantados por Poe estão além do campo da significação, pois todas as expectativas criadas são frustradas, todos os papéis sociais deslocados. Poe interessa-se apenas pelo maior ou pelo menor: o ponto em que as virtudes humanas atingem seu grau superior ou inferior (talvez este último tenha maior importância na obra). Já para Jorge Luis Borges, o escritor norte-americano é o criador de um gênero: o conto policial, e mais do que isso: "[...] si Poe creó el relato policial, creó después el tipo de lector de ficciones policiales" (BORGES, 1995, p. 86). Nós, ao lermos um conto policial, somos uma invenção de Edgar Allan Poe (BORGES, 1995). Os contos policiais de Poe, especialmente aqueles em que surge a figura emblemática do detetive Dupin, pelo qual o leitor é conduzido sob o efeito das sutis observações deste personagem, são alicerçados num raciocínio semiótico. Nesta perspectiva, proponho neste trabalho o estudo do modo indiciário de narrativa que, no conto "O homem das multidões" (publicado pela primeira vez na *Graham's Magazine*, em dezembro de 1840),

² Sobre esta abordagem intertextual, ver o livro de Bárbara Johnson *A carta roubada: Poe, Lacan e Derrida* (1996), que promove uma leitura psicanalítica do conto contraposta a uma crítica desta mesma peça feita pelo filósofo Jacques Derrida.

³ Ver, por exemplo, o estudo: "A recepção de Poe na literatura brasileira", de Carlos Daghlán, publicado na revista *Fragmentos*, número 25, Florianópolis, jul - dez, 2003, pp. 45-54.

⁴ In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 13-45.

configura-se como uma forma não tradicional estruturada na indicialidade da construção narrativa.

O MÉTODO DE MORELLI

Entre os anos 1874 e 1876, o italiano Giovanni Morelli divulgou uma série de artigos sobre a pintura italiana. Nesses artigos, Morelli propunha um novo método para a atribuição dos quadros antigos. Este método tinha como base não as características principais ou mais determinantes ó e assim mais facilmente imitáveis dos quadros ó, mas, sim, os detalhes menos importantes e, conseqüentemente, menos influenciados pelas características do estilo a que o artista pertencia. Carlo Ginzburg expõe que no método morelliano eram esses pequenos detalhes, onde os gestos inconscientes dos artistas se revelavam, que se identificavam as verdadeiras autorias das obras de artes:

[...] esses dados marginais, para Morelli, eram reveladores porque constituíam os elementos em que o controle do artista, ligado à tradição cultural, distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais, õque lhe escapam sem que ele se dê contaõ (GINZBURG, 1999, p. 150).

O método de Morelli, õmétodoõ que Ginzburg denomina õindiciárioõ, ficou caracterizado pela busca de indícios que para a maioria das pessoas são imperceptíveis. O método indiciário assemelha-se, desta forma, com a prática investigativa popularizada pelo personagem Sherlock Holmes (criado pelo escritor britânico Arthur Conan Doyle), que encontra suas pistas (e, por conseguinte, a solução do caso) em pequenos detalhes da cena do crime, ou através da observação de sutis particularidades (dados físicos ou psicológicos) da personalidade dos suspeitos envolvidos.

Cabe ainda destacar a analogia deste método com a análise semiótica. O texto indiciário desenvolve-se especialmente por meio de construções narrativas que funcionam como signos indiciais⁵ ou tendem a incorporar as características deste tipo de signo. Não é por acaso que o crítico e poeta Décio Pignatari considera Poe o primeiro õhomem semióticoõ, o escritor que inaugura a era semiótica moderna (PIGNATARI, 2004, p. 37).

⁵ Na semiótica de C. S. Peirce, um *índice* é um signo que possui relação direta com seu objeto, esta relação pode ser de contraste, de ação e reação, de causa e efeito, contigüidade, etc. Um *índice* é um signo que õapontaõ para fora de si.

LEITURA DO CONTO

O conto de Edgar Allan Poe *O homem das multidões* é uma obra seminal para diversos tipos de estudos e abordagens. A abordagem que propomos é a observação da construção de uma memória discursiva através da coleta e composição de sinais ou indícios visuais, modo narrativo influenciado por uma nova percepção da vida urbana, propiciada pelas transformações decorrentes da modernidade.

Em *O homem das multidões*, o personagem-narrador inicia a sua construção discursiva a partir da observação. A observação desenvolvida parte de sua condição de saúde - que transita de um estado de recuperação a súbitos momentos de recaída - e passa pela descrição do ambiente em que estava, num café de um hotel de Londres, à observação da rua, pelas vidraças do Café D***. Com este movimento, que culmina na observação da rua londrina com sua multidão, Poe propõe uma construção narrativa a partir da percepção de um tipo de personagem que Baudelaire caracteriza como *flâneur*. Para Baudelaire: “[...] o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito” (BAUDELAIRE, 1996, p. 21). No conto *O homem das multidões*, encontramos no personagem-narrador esta atitude do *flâneur* de Baudelaire:

Nunca me encontrara antes em semelhante situação naquele momento particular da noite, e aquele tumultuoso mar de cabeças humanas enchia-me, por conseguinte, duma emoção deliciosamente nova. Deixei por fim de prestar atenção às coisas do hotel e absorvi-me na contemplação da cena lá fora (POE, 1986, p. 392).

Esta atitude do *flâneur* no narrador que, inicialmente são observações abstratas e generalizantes e logo passam a se fixar em pormenores e miudezas - mais que caracterizar as pessoas da multidão, transforma-se numa análise detalhada das gentes de todos os tipos e classes - é transformada numa narrativa que tem como base ou fonte de sua construção os indícios visuais captados pela observação do personagem-narrador:

A princípio minhas observações tomaram um jeito abstrato e generalizador. Olhava os passantes em massa e neles pensava em função de suas relações gregárias. Em breve, porém, desci a pormenores e examinei com minudente interesse as inúmeras variedades de figura, roupa, ar, andar, rosto, e expressão fisionômica (POE, 1986, pp. 392-393).

A partir destes primeiros apontamentos, podemos observar os elementos que justificam a abordagem que propomos. Poe inicia o conto *O homem das multidões* com um movimento de transferência na coleta de indícios ó que serão a base da sua construção narrativa ó, que passa da auto-observação do personagem-narrador à observação das pessoas da multidão até centrar-se finalmente num tipo especial, o *homem das multidões*.

As observações feitas pelo personagem-narrador, que formam a base da construção narrativa neste conto de Poe, constituem-se numa vasta coleta de indícios que revelam muito da identidade dos analisados. Esta atitude do personagem-narrador é a mesma do crítico de arte Giovanni Morelli, só diferindo deste último nos objetivos de sua investigação.

Segundo Carlo Ginzburg, Morelli afirmava que:

[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. [...] Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou, a forma de orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante (GINZBURG, 1999, p. 144).

No conto *O homem das multidões*, esta atitude investigativa que parte da observação do personagem-narrador é correspondente ao tipo de observação proposto no método de Morelli. O personagem-narrador cataloga uma série dos mais diferentes tipos de gentes que formam a multidão:

Em alto grau, o maior número daqueles que passavam tinha um porte convencido de gente atarefada [...].
 [...] A tribo dos escreventes era inconfundível [...].
 [...] Havia muitos indivíduos de aparência vivaz, que facilmente reconheci como pertencentes à raça dos elegantes batedores de carteira [...] (POE, 1986, p. 393).

E a análise desenvolvida encontra nos pequenos detalhes e indícios as chaves para se entender os tipos perscrutados na grande massa de pessoas que se moviam pelas ruas: *õ[...] Tinham, todos (os escreventes), a cabeça levemente calva, e a orelha direita, longamente acostumada a sustentar a caneta, contraíra um bizarro costume de acabar-se [...]ö* (POE, 1986, p. 393).

Nesta perspectiva a construção narrativa de Poe, no conto *O homem das multidões*, configura-se como uma modalidade indiciária de narrativa. Esta modalidade, distancia-se do modo tradicional de narrativa o que é gerada dentro de uma cadeia da tradição. Walter Benjamin, em seu ensaio sobre o narrador na obra de Nikolai Leskov, caracteriza este tipo de narrativa tradicional:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Na modalidade de narrativa indiciária a construção discursiva é obtida através da coleta de sinais ou indícios visuais. No conto de Poe estes indícios são produzidos pelo personagem-narrador na descrição/observação feita inicialmente na multidão e por último no *o homem das multidões*. Não há um encadeamento na narrativa a partir de relatos da experiência histórica do personagem-narrador. Poe constrói seu conto a partir do encadeamento de relatos obtidos pela observação do narrador, numa perspectiva de acontecimentos no presente ou num passado recente com alto grau de efemeridade. Este modo moderno de narrativa é influenciado pelas condições urbanas que emergiram no fim do século XIX:

Uma cidade como Londres, onde se pode vagar horas a fio sem se chegar sequer ao início do fim, sem se encontrar com o mais ínfimo sinal que permita inferir a proximidade do campo, é algo realmente singular (ENGELS *apud* BENJAMIN, 1986, p. 114).

No conto *O homem das multidões*, o espaço explorado é o da cidade. A partir do *Café D**** todo o cenário dos acontecimentos que são descritos é da cidade de Londres. A rua é o principal palco desses personagens:

Durante meia hora, o velho manteve sua marcha com dificuldade ao longo da grande avenida, e aí eu caminhava bem nos seus calcanhares com medo de perdê-lo de vista.

[...]

A rua era estreita e comprida e o homem andou por ela quase uma hora, durante a qual os transeuntes tinham gradualmente diminuído, chegando quase ao número que se vê comumente, à tarde, na Broadway [...]. Uma segunda volta trouxe-nos a um largo brilhantemente iluminado e transbordante de vida (POE, 1986, pp. 397-398).

Esse novo espaço influencia o modo de percepção do personagem-narrador:

[...] os raios dos lampiões a gás, fracos a princípio, na sua luta com o dia moribundo, tinham agora tomado ascendente, por fim, e lançavam sobre todas as coisas um clarão espasmódico e lustroso.

[...]

Com a frente colada à vidraça, achava-me assim ocupado em perscrutar a multidão [...] (POE, 1986, p. 395).

O olhar do narrador é transformado pela iluminação da cidade. A luz lançada pelos lampiões a gás transforma todas as formas ao alcance dessa luz, excitando ainda mais a percepção do narrador. As luzes da cidade, assim como as vidraças do café, são como lentes que ampliam o modo de visão deste narrador, ou situam-se como uma passagem para um novo modo de ver o mundo, o modo indiciário. Para Tzvetan Todorov, os contos de Poe desenvolvem-se dentro de um método dedutivo, como, por exemplos (além do texto estudado por nós), nos textos *As cartas roubadas* e *Os crimes da rua Morgue*, nele o autor [...] descreve os fragmentos de uma totalidade; e no interior desses fragmentos ainda escolhe o pormenor [...] (TODOROV, 1980, p. 164).

No modo indiciário de narrativa as fontes de informações para a construção do discurso são, principalmente, a descrição de imagens visuais, indícios. No método morelliano investiga-se os indícios, pequenos traços, características que podem revelar a verdadeira autoria de obras de arte do passado. No conto de Poe também encontramos esta investigação ligada à observação das obras de arte:

Vi [...] prostitutas de todas as espécies e de todas as idades, com a incontestável beleza, na primavera de sua feminilidade, fazendo lembrar a estátua de Luciano, com a superfície de mármore de Paros e o interior cheio de imundícies [...].

[...]

Lembro-me bem que minha primeira ideia, ao avistá-la (a fisionomia do homem das multidões), foi que Retszch, se a houvesse contemplado, tê-la-ia preferido, especialmente, para suas encarnações pictóricas do diabo (POE, 1986, pp. 394-395).

Nestas citações encontramos a passagem que liga a narrativa indiciária no conto *O homem das multidões*, com o olhar do crítico de arte de Giovanni Morelli. Mediado pelo contexto urbano da modernidade, através de aspectos como a iluminação a gás da cidade e as vidraças dos cafés e das galerias que agem como lentes que ampliam e transformam o olhar desse observador, o narrador desenvolve uma descrição com qualidades próprias do

observador de arte, numa atitude também moderna de não apreciar os pormenores, de preferência à obra em seu conjunto (GINZBURG, 1999, p. 145). O personagem-narrador vê os indivíduos da multidão transfigurarem-se em representações artísticas em que o grotesco emerge. Para a face do "homem das multidões", um possível modelo para a representação do diabo nos trabalhos do pintor e gravador alemão Moritz Retszch (1779-1857). O ato contemplativo torna-se reflexivo, os dados exteriores (pelo pormenor, nos pequenos indícios) revelam as mais obscuras características da essência humana.

Para a questão levantada por Baudelaire, o que é a arte pura segundo a concepção moderna? É criar uma magia sugestiva contendo ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista (BAUDELAIRE, 1991, p. 71), Edgar Allan Poe responde por meio das construções extremas de suas narrativas, que levam cada coisa ao seu limite. Percebemos que tanto o autor quanto os seus personagens interessam-se apenas pelo maior, pelo superlativo, ou pelo menor e suas consequências (um modo indiciário de compor), o ponto em que uma qualidade atinge seu grau superior ou, de forma contrária, seu grau inferior, seus indícios e pistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Imaginário, 1991.
- _____. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *A modernidade e os modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. El cuento policial. In: _____. *Borges oral: conferencias*. Buenos Aires: Emecê/Editorial de Belgrano, 1995, pp. 83-105.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- JOHNSON, Barbara. *La carta robada: Poe, Lacan, Derrida*. Buenos Aires: Tres Haches, 1996.
- LACAN, Jacques. O seminário sobre a carta roubada. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 13-45.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*. 6. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In: _____. *Ficção completa, poesia e ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

Recebido em 26 de janeiro de 2013.

Aceito em 10 de maio de 2013.